

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

AMERICANISMOS

Ensaio Linguísticos

Petrópolis - 2007

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

AMERICANISMOS

Ensaio Linguísticos

Marta
25/2/008

Petrópolis - 2007

10/11/2011

11/11/2011

12/11/2011
13/11/2011
14/11/2011
15/11/2011
16/11/2011
17/11/2011
18/11/2011
19/11/2011
20/11/2011
21/11/2011
22/11/2011
23/11/2011
24/11/2011
25/11/2011
26/11/2011
27/11/2011
28/11/2011
29/11/2011
30/11/2011
01/12/2011
02/12/2011
03/12/2011
04/12/2011
05/12/2011
06/12/2011
07/12/2011
08/12/2011
09/12/2011
10/12/2011
11/12/2011
12/12/2011
13/12/2011
14/12/2011
15/12/2011
16/12/2011
17/12/2011
18/12/2011
19/12/2011
20/12/2011
21/12/2011
22/12/2011
23/12/2011
24/12/2011
25/12/2011
26/12/2011
27/12/2011
28/12/2011
29/12/2011
30/12/2011

AMERICANISMOS

Ensinava Sílvio Julio que americanismos são termos, formas ou expressões de origem européia que passaram a ter novas acepções na América ou que se amoldaram ao contexto cultural do Novo Mundo.

Dava o mestre, como exemplo clássico, a palavra ESTÂNCIA, originariamente compartimento em construção civil ou militar. Do latim *stans, is*. Em Santo Domingo, logo após o descobrimento da América, começaram a chamar a quinta de estância. Em português popular dizia-se estança, preferindo os eruditos a forma estância, também de uso hispânico. No sentido de propriedade rural a palavra desceu das Antilhas para atingir o Peru e daí o Rio da Prata. Fixou-se no Rio Grande do Sul com o mesmo sentido. Interessante notar que o vocábulo passou a ser empregado em Sevilha também como designativo de quinta e chácara.

Rocha Pita disse na “*História da América Portuguesa*”, no tocante à Guerra dos Palmares:

“*O paulista Domingos Jorge ... de Piencó onde tinha sua estância, marchou com sua gente que seria mil homens ...*” De acordo com Irineu Joffily em “*Notas sobre a Paraíba*”, desde antes de 1690 o paulista Domingos Jorge Velho já andava ocupando o Piencó.

Por carta de sesmaria datada de 16 de setembro de 1621, firmada por João Mendes, capitão-mor da Capitania de Sergipe, foi feita doação a Pedro Gomes da Costa e a Pedro Alves, concunhados entre si, das terras às margens do rio Piauí, abrangendo a área em que foi assentada a povoação, depois vila e cidade de Estância. Por inúmeras razões, entre elas por ter sido edificador da capela de Nossa Senhora de Guadalupe, é Pedro Gomes da Costa considerado fundador de Estância. Era ele originário do México, cuja padroeira é Nossa Senhora de Guadalupe e onde estância significa propriedade rural, quinta, fazenda de gado.

Na época áurea da industrialização em Petrópolis, R. J., usou-se muito a expressão “*estância de lenha*” para designar-se o espaço onde era armazenado o combustível vegetal indispensável ao movimento das diversas fábricas, sobretudo as do setor têxtil.

AMERIGENISMOS

São termos, formas e expressões oriundos das línguas faladas na América antes do descobrimento e que se incorporaram ao português do Brasil ou ao castelhano, francês, inglês, holandês, passando eventualmente a outras línguas européias.

São amerigenismos de origem *aruaca*:

CANOA - palavra proveniente do *taino* (tribo aruaca que vivia ao norte de Cuba), usada para designar embarcação monóxila sem proa, nem popa.

CACIQUE - designativo de *chefe*.

Foram estas as primeiras palavras que entraram na Europa via Colombo e figuram no “*Dicionário Espanhol-Latino*” de Nebrija, lançado em 1493.

PAPAIA - o mesmo que mamão.

YUCA - palavra que jamais se fixou no Brasil, cujo equivalente aqui é mandioca, vocábulo usado pelos tupis que falavam o *nheengatú* ou língua boa.

GUAÍABA - o mesmo que goiaba.

AMACA - o mesmo que rede de dormir.

São amerigenismos de origem *quechua*:

PAMPA - que significa planura.

GUASCA - originalmente corrente, cadeia, qualquer coisa para prender. No Rio Grande do Sul designa tira de couro para prender, por exemplo, o rabo na perna da vaca no momento da ordenha. Nas casas de farinha da ilha de Santa Catarina, *guasca* é a correia que faz girar o cevador, ou melhor dizendo a roda cevadeira.

MATE - para o *quechua* é o nome que se dá à cuia e não à erva. Em *guarani* é caaminí.

PORONGO - é a cabeça da qual é feita a cuia para o chimarrão.

GUAÍACA - vale bolsa em *quechua*. No Rio Grande do Sul é cinturão largo para se guardar dinheiro e para pendurar o coldre do revolver.

CANCHA - o mesmo que terreno limpo.

GUAMPA - o mesmo que chifre.

São amerigenismos de origem *caribe*:

MARACA - instrumento musical largamente difundido na área caribeano que consta de uma cabaça em cujo interior chacoalham sementes rijas de vária natureza.

CANIBA - palavra que foi registrada pelo próprio Cristóvão Colombo para designar a antropofagia e a truculência dos índios caribes. O vocábulo passou ao francês com a mesma acepção, grafando-se canibal, forma que foi adotada pelo português do Brasil, mantendo-se o sentido original.



Os três ensaios de caráter lingüístico que compõem este pequeno volume, foram publicados juntamente com outros de vária índole num livro de 1984 intitulado “*Vivência na América*”.

Depois de burilados, corrigidos e enriquecidos com novas informações redundantes de pesquisa e leitura, estão sendo republicados em separado para facilitar a compreensão e o interesse dos eventuais leitores e a formulação de questões fulcradas nos temas abordados, de tanta valia para a cultura americana e para a aproximação dos povos do Novo Mundo, num quadro macro americanista.

Petrópolis, 8 de dezembro de 2006

Francisco de Vasconcellos

GRINGO

A discussão da origem e do significado da palavra *GRINGO* está no mesmo caso do debate sobre *FORRÓ* e *XAXADO*, por exemplo. Fala-se muito, multiplicando-se os argumentos a favor desta ou daquela conjectura, mas, ao fim e ao cabo, não se consegue chegar a uma definição, a um consenso.

Já se disse que mais importante do que o fato é a versão. E é com as várias versões cogitadas para explicar o vocábulo *GRINGO* que se prosseguirá nessa porfia interminável se bem que muito instigante.

Num dos números da revista “*Aboard*” referente ao primeiro trimestre de 1979, encontrei às págs. 12/16 interessante artigo intitulado “*Apuntes sobre el Gringo*” de autoria de *Wilton E. Hoy*, que o publicara também em inglês no vol. 29 do “*American Magazine*”.

A matéria procurava, antes de mais nada, a origem da palavra *GRINGO*; demais buscava avançar os seus eventuais significados.

Dizia *Hoy* que o vocábulo, tipicamente popular, talvez fosse a forma mais antiga de se chamar os indivíduos de fala inglesa na Espanha e em Iberoamérica.

Arriscando hipóteses, no que concerne à possível origem da palavra, assim se houve o articulista:

“Talvez a presunção mais comum sobre a origem da palavra *GRINGO* seja a crença de que ela surgiu na oportunidade da guerra de 1846/1848 entre o México e os Estados Unidos. O exército norte-americano, cheio de texanos, costumava cantar uma alegre canção folclórica irlandesa ‘*Green Grow the Lilacs*’. Os mexicanos que a escutavam, segundo a voz corrente, logo captaram as palavras ‘*green grow*’ (pronunciadas *grin-grow*) e corromperam o termo para formar o vocábulo *GRINGO*, que logo se converteu em apelativo informal para os habitantes dos Estados Unidos”.

Outra canção também irlandesa- informava o jornalista norte-americano- com letra bem parecida com a da mencionada acima, poderia ter gerado a palavra *GRINGO*. “*Green Grow the Rashes Ô!*” era seu título, cujo estribilho dizia o seguinte: “*Two two the lily White boys clothed all in green ô*”. Como no caso anterior, a combinação “*green-grow-green-ô*” poderia ter redundado em *GRINGO*.

Seguia *Hoy* nas suas cogitações:

No norte do México a palavra *GRINGO* teria aparecido no ano de 1916 para designar os componentes das tropas do general John J. Pershing no estado de Chiuaua. Os soldados sob as ordens de Pershing perseguiram os guerrilheiros de Pancho Vila para castigá-los pelo ataque desfechado contra a povoação de Columbus no Novo México. Os mexicanos teriam se fixado no uniforme verde oliva dos norte-americanos chamando-os de “*green coats*”, isto é, jaquetas verdes e, mais tarde em *GRINGOS*.

Hoy admitia ser esta versão um tanto estapafúrdia, pois os mexicanos não teriam usado a palavra inglesa “*Green*”, mas simplesmente verde, como é designada esta cor em castelhano e em português.

Na Guatemala, seguia com a palavra o jornalista, há uma explicação mais absurda ainda sobre a origem do vocábulo *GRINGO*. Quando os norte-americanos radicados em território guatemalteco trocavam seus dólares, que, como se sabe são esverdeados, pela moeda local, faziam-no usando uma gíria comum

e corrente: “*greenbacks*”, de onde teria se originado, por razões desconhecidas, a improvável corruptela *GRINGO*.

Dando um salto até a Argentina, *Hoy* procurou enfocar o despautério veiculado pelo jornal “*La Prensa*” de Buenos Ayres, que, numa de suas edições, ao referir-se à palavra em estudo, explicou que em épocas passadas os ingleses impressionados com as imensas planuras pampeanas, cobertas de um verde intenso e interminável, costumavam exclamar: “*Ô much green grow*”. Mas, o que não disse o jornal é que tal expressão em inglês seria um completo disparate.

Depois dessas estranhas hipóteses, que não atendem nem mesmo ao raciocínio infantil, *Hoy*, na sua teimosa busca de uma possível e plausível origem da palavra *GRINGO*, resolveu deixar o continente americano, viajando até a Espanha.

Ali o seu faro de investigador descobriu no “*Diccionario Castellano*” de 1787, de *Terreros y Pando*, uma definição de *GRINGO*: “*llaman en Málaga a los extranjeros que tienen cierta especie de acento, que priva de una locucion fácil y natural castellana; y en Madrid dan el mismo y por la misma causa con particularidad a los irlandeses*”.

Ainda assim não se deu por satisfeito o pesquisador yankee que socorreu-se do “*Diccionario de Uso del Español*” de Maria Molliner. Nesta obra lexicográfica lê-se no verbete *GRINGO*, A: “*Alteracion de griego, lengua considerada como extraña. (1) Griego, lengua ininteligible. (2) Extranjero, especialmente inglés. (3) Hispanoamérica-norteamericano de los Estados Unidos (4)*”.

Com base nesse dicionário, ter-se-ia *GRINGO* corruptela de *griego*, em castelhano, grego em português.

Mas como teria se operado a corrupção da palavra original? O possível entendimento do assunto completar-se-ia no “*Diccionario Crítico-Etimológico*” de *Juan Corominas* que assim se posiciona em relação ao vocábulo grego: “*lenguaje incomprensible, valor que en España se dió por antonomasia al nombre de la lengua de Grécia como resultado direto de la costumbre de mencionarla junto com el latin y de la doctrina*

observada por la inglesia de que el griego no era necesario para la erudicion católica”.

Para Corominas, a corruptela *GRINGO* em termos fonéticos teve dois tempos: “*Iro, griego-grigo, reducion normal y corriente em castellano (prisa, prisco), aunque no parezca estar documentada en este caso; grigo-gringo, transito que no puede admitirse como fonético, según cree Tiscornia, pero tiene caracter imitativo del sonido de N velar, imposible en muchos casos para el español, pero frecuente y característico de ciertos idiomas extranjeros como el inglés... Otras palabras castellanas del mismo tipo, como ringo-rango ‘extravagancia’ pudieron ayudar”.*

Nessa linha de raciocínio ter-se-ia o vocábulo *GRINGO* como proveniente da palavra grego, que sofrera uma corrupção numa época anterior a 1780. Neste caso a América o teria importado.

Apesar dessa plausível relação griego-gringo, não se pode descartar a hipótese, ainda que remota, de ser *GRINGO* uma corruptela da palavra italiana *zingaro*. O “*Dicionário Italiano-Português*” de Melzi registra: “*Zingari - popolo nomade (comparso in Europa nel 15° s.) originario dell’ Índia ed ora sparso ovunque*”. São os ciganos internacionalmente mal vistos e até rechaçados por sua língua estranha, por seus hábitos nada simpáticos aos olhos ocidentais, por seu nomadismo e pelo eventual perigo que sempre ofereceram às comunidades europeias e americanas. O mesmo dicionário no verbete *Zingaro* assinala: “*gente vagabonda originaria d’Oriente, ma senza pátria, che, non riconoscendo le leggi d’alcuno stato, e della morale piu comune alla società civile, vive in gruppi, quase tribú, sotto tende, facendo bassi mestieri, talora anche predicando la buona ventura*”. Quanto a *GRINGO* a mesma fonte admite ser um hispano-argentinismo, para designar os europeus que se encontram em território argentino.

Para completar esse quadro de hipóteses a respeito da origem e do significado da palavra *GRINGO*, vale dizer que no México corre a versão de que no intuito de se rechaçar os soldados norte-americanos trajando seu indefectível uniforme verde, os mexicanos

teriam criado o slogan “green go back”, expressão que se resolveu no vocábulo *GRINGO*.

Já arrematando este tópico, vale informar que o “*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*” de Cândido de Figueiredo, dá *GRINGO* como brasileirismo de caráter depreciativo.

Convenhamos que o eminente dicionarista português foi simplista demais para assunto tão complexo e de difícil deslinde.



Não são poucos os que entendem ter a palavra *GRINGO* procedido de Grego. E argumentos não faltam para justificar essa tese.

Já vem da Guerra de Tróia a prevenção contra a Hélade. Os romanos eternizaram o dito: “*Quidquid id est timeo danaos et domnaferentes*”. Tradução: “*Seja como for temo os gregos, mesmo que sejam portadores de presentes*”. Entre nós ficou consagrada a expressão “*presente de grego*”, para designar os regalos que causam males, incômodos, até infortúnios. Sinônimo de trambolho, de coisa inoportuna ou indesejada.

Se prevenção havia relativamente aos helênicos, também é verdade que criou-se no mundo ocidental, especialmente entre nós, herdeiros do Lácio, um certo preconceito no que concerne à língua dos gregos. Alijado da cultura de fundo católico apostólico romano, restrito ao seu meio de origem, barbarizado pela invasão otomana, o grego passou a valer para os neo-latinos, língua incompreensível, daí as expressões vivíssimas entre nós brasileiros tais como: “*para mim você está falando grego*”, ou quando um interlocutor custa a entender o outro, “*por acaso eu estou falando grego?*”.

Em contrapartida, no intuito de se valorizar ou até de se nobilitar o latim, tornou-se usual a expressão empregada por alguém que

reclama por estar falando sem merecer a devida atenção de seu interlocutor: *“Eu aqui gastando o meu latim e você fazendo ouvidos de mercador!”*.

Ora, o preconceito popular em relação ao povo grego e à sua língua, deve ter levado o espanhol de outros tempos a usar o vocábulo “*griego*” no sentido pejorativo. O uso da palavra pelo povo, no sentido geral do termo pode ter feito ao longo dos anos com que “*griego*” evoluísse para *GRINGO*.

E o sentido depreciativo ou pejorativo do vocábulo, onde ele tem livre trânsito, é uma realidade inelutável.

No que concerne às várias acepções de *GRINGO* em terras ibero-americanas, começo por citar uma vez mais o minucioso estudo de *Wilton E. Hoy*, que fez uma síntese do quadro:

“Há que se aceitar a realidade: se você é uma pessoa alta e loura, de fala inglesa, que procede casualmente dos Estados Unidos, que por acaso fala espanhol com dificuldade e que se encontra hoje, eventualmente, num país ibero-americano... você é um gringo”.

Essa generalização tem sua razão de ser notadamente nos países de fala espanhola da América. Ingleses e norte-americanos tornaram-se ao longo dos séculos autênticos gregos para este continente. Por detrás das guerras, das diatribes, dos conflitos protagonizados por caudilhetes de plantão, esteve sempre a velha política de dividir para reinar apregoada sem cerimônia fosse pelo império britânico, fosse pelos doutrinadores de Tio Sam. Escarnecidos por uns, repudiados por outros, odiados por muitos, ingleses e norte-americanos passaram a ser tratados de um modo geral na América de Colombo e mesmo na de Cabral por *GRINGOS*.

Do México à Argentina não há quem não tenha sua ponta de ressentimento em relação aos Estados Unidos, no fundo britânicos sem as galas da cerimônia, sem a habilidade diplomática e a velha e boa dose de hipocrisia. Macacos em casa de louça são os nossos *GRINGOS* continentais, a distribuir coices a torto e a direito.

Foram os sobrinhos de Tio Sam que espoliaram os mexicanos, desgraçaram Cuba, fracionaram a América Central, criaram o Panamá em prejuízo da Colômbia, e já nos anos oitenta do século XX tomaram o partido da Inglaterra contra a Argentina na rumorosa questão das Malvinas.

No Brasil, o *GRINGO* não é necessariamente o norte-americano e nem este é aqui tão execrado como o é nos países hispano-americanos.

O brasileiro que não tem forte espinha dorsal e que conserva o caráter macunaimesco, conforme o estudo magistral de Mario de Andrade, habitou-se a socorrer-se de saídas estratégicas e malandras para a solução de seus problemas. Como não pode enfrentar gigantes, mune-se de artimanhas e subterfúgios para colimar seus objetivos.

Em relação ao norte-americano ele sabe que se correr o bicho pega e se ficar o bicho come. Então ele resolveu ser amigo do bicho. Se o chama de *GRINGO*, fá-lo sem a intenção desdenhosa ou pejorativa, disfarce de ódios e ressentimentos, mas por imitação ou por vício.

Em geral, *GRINGO* no Brasil é todo e qualquer estrangeiro, de fala enrolada, incompreensível, aquele que não se comunica em português corrente, seja o de Portugal, seja o daqui.

Mas evidentemente que há particularidades.

No nordeste, especialmente em Pernambuco, são tratados de “*galegos*” os louros e alvos, via de regra provenientes do sudeste e do sul do país. Não precisa ser necessariamente estrangeiro.

O “*Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*”, a exemplo do de Cândido de Figueiredo, admite ser *GRINGO* um brasileiro e agrega, que em Pernambuco, Alagoas e Bahia, *GRINGO* é o estrangeiro que vende à prestação. Seria o mascate, o “*turco*” tão famoso no Rio de Janeiro de outrora. O “*Abdala*” que subia e descia o morro carregando a sua mala de bugingangas foi tema de memorável marchinha de carnaval nos anos cinquenta dos novecentos.

“*Turco da prestação*” e “*Turco de loja*” foram expressões comuns e correntes no sudeste brasileiro, muita vez apodados simplesmente de *GRINGOS*, quiçá por falarem mal o português, assim como os judeus, fossem louros ou morenos.

Em pesquisa direta que realizei no Grande Rio em princípios dos anos oitenta do século XX, averigüei que *GRINGO* era o estrangeiro de qualquer procedência que enriqueceu no Brasil, muita vez à custa da exploração do brasileiro. Por isso não raras vezes o vocábulo é acompanhado da palavra safado- *GRINGO SAFADO*, isto é, estrangeiro esperto, argentário, que se deu bem em terras alheias.

Esse conceito de *GRINGO SAFADO*, depreciativo do estrangeiro que trabalhou de sol a sol para garantir uma vida digna e uma velhice tranqüila, parte em geral do filho da terra que por inépcia, preguiça, incompetência e falta de competitividade, não soube colimar durante a existência os objetivos atingidos pelos procedentes de outros países.

Na verdade o que vence e se impõe, seja estrangeiro ou nacional é sempre visto com inveja e desdém por aquele que deixou a vida correr ao sabor do acaso, esperando a sorte grande cair do céu.

No Rio Grande do Sul, *GRINGO* é basicamente o italiano e quem quer que tenha fala espanhola. Na fronteira oeste o argentino é sistematicamente chamado de *GRINGO*.

Tais considerações cabíveis ao tema não encerram a discussão sobre a origem do vocábulo *GRINGO*, como também ainda não se fechou questão sobre a gênese de *FORRÓ* e *XAXADO*.

Nota: Este estudo escrito originalmente em março de 1983 foi reescrito e enriquecido para figurar no presente volume de ensaios.

MARAN ANHA

O fato deve ter ocorrido em 1951. Eu cursava o segundo ano do ginásio, no Colégio Padre Antônio Vieira, no Rio de Janeiro, quando, um dia, meu saudoso mestre Décio Werneck, mandou distribuir entre nós, seus alunos de português, dois folhetos intitulados: Radicais Gregos e Toponímia Indígena.

Ocupar-me-ei deste, na oportunidade que se me apresenta.

Trata-se de brochurinha de quatro páginas datilografadas, onde aparecem, sem rigorosa ordem alfabética, topônimos brasileiros tidos como indígenas e seu significado.

Em primeiro lugar, o folheto, que ainda conservo, não tem autor. Acresce que o responsável pela relação das palavras não se deu ao trabalho de indicar a origem delas, que afinal nos foram inculcadas como pertencentes ao grupo tupi-guarani.

Tudo isso teria ficado no arquivó morto dos tempos escolares, se eu não tivesse mostrado a Sílvio Júlio, em 1973, a lacônica brochura e se ele, mestre de nós todos, não houvesse encontrado ali a palavra MARANHÃO, alinhada entre os indigenismos.

Armando Levy Cardoso, em “*Amerigenismos*”, Tomo I, Biblioteca do Exército, Rio, 1961, às págs. 45/66, se ocupa da chamada “*Tupimania*”.

Citando Ehrenreich, admite que o desconhecimento do brasileiro de outras línguas dos índios americanos, colaborou na formação da tupimania que *“consiste em querer explicar, com etimologias tupis, todos os vocábulos presumivelmente indígenas”*.

O fenômeno é de tal ordem entre nós, assevera Levy Cardoso, *“que contra esse exagerado afã de querer ver em qualquer palavra de aspecto um pouco diferente, um vocábulo tupi, se elevou a voz de Teodoro Sampaio, que era para a época um tupinólogo de notável valor, proclamando que: ‘Este preceito é tanto mais de observar-se, quando é certo, que não raro, os interpretadores se deixam possuir de verdadeira obsessão, querendo ver vocábulos tupis em quanta palavra espúria, se lhe apresenta, com estrutura aparentemente brasílica’*”.

E Levy Cardoso dá como exemplos, sob medida para este ensaio Jangada e Carapuça.

A primeira, que Paulino Nogueira em seu *“Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará”*, admitiu ser palavra brasílica, ficou definitivamente enquadrada entre os termos de origem asiática, correntes entre nós, depois da exaustiva pesquisa do Monsenhor Rodolfo Delgado, posta em letra de forma no *“Glossário Luso-Asiático”*. Já Carapuça, que Batista Caetano afirmou ser vocábulo tupi, figura com todas as letras na carta de Pero Vaz Caminha.

Maranhão, não entrou nas cogitações de Levy Cardoso, não aparecendo em nenhum momento em sua obra citada, quer como termo supostamente tupi, aruaco, caribe, quéchua, ou como palavra ibérica tida entre nós como indigenismo. Mas o folheto dos meus tempos ginásianos, não só inseriu MARANHÃO entre os topônimos indígenas, sem indicar sua eventual procedência, como chegou ao requinte de decompor o vocábulo, da seguinte maneira: ANHA = que corre; MARAN = brigando; I = rio. Resultado: rio que corre brigando.

Diante de tal aberração etimológica, Sílvio Júlio, sacou de sua brutal erudição os apontamentos a seguir alinhavados, para que fique o assunto definitivamente esclarecido e para que ninguém mais no Brasil reproduza o arroubo asnático de alguém que fez as vezes do professor de javanês, segundo o conto magistral de Lima Barreto.

MARANHÃO, não é vocábulo brasílico. Já aparece no século XII na atual Espanha. Ramón Menéndez Pidal à pág. 50 de “*Orígenes del Español, Estado Lingüístico de la Península Ibérica hasta el Siglo XI*”, sexta edição, Espasa-Calpe, Madrid, 1968, consigna: “*Mara (n) gone*” *Marañon*, 1.116, Nájera.

Explica Sílvio Júlio:

“Em começos do século XII (1.116) já aparece registrado em documento Maragone, Mara (n) gone, Marañon.

A grafia mudou, mas o sentido de história, enredo, dificuldade, entrelaçamento, etc, não. A selva amazônica do Peru inspirou o nome de maraña - marañon.

Lope de Aguirre, o bárbaro, que desceu o rio com tremendos guerreiros, lhes denominava los marañones”.

E continua o inexcusável americanista brasileiro:

“Quando foi que o trecho do rio se chamou Marañon ? Foi incontestavelmente na expedição de Orellana, embora todos dissessem el rio de Orellana. Seus companheiros de 1541, naquele trecho baixo e florestal, ficaram impressionados com a tremenda maraña vegetal que viam. Ninguém oficialmente, então, deu nome tal ao curso caudaloso, porém sugeriu a referência em documentos àquela complicada e úmida selva, maraña. Pouco a pouco, o rio Orellana, ali, também se chamou Marañon.

Acontece que nesse tempo a zona era absolutamente ignota e, vindos do a que hoje chamamos Equador, (Quito) pelo rio Napo, os conquistadores espanhóis se achavam numa região onde o tupi-guarani não se falou jamais. Atravessaram pela primeira vez plagas de Peru e mais ou menos de dialetos do aruaco, idioma antilhano, de Santo Domingo, Cuba, etc, espalhado pelas matas

das bacias do Amazonas, do Orinoco, llanos venezuelano-colombianos, Maranhão (Brasil) e até o Paraguai. Tupi-guarani, não e não.

Se fosse tupi-guarani o termo marañon nunca existiria muito mais nos países de fala espanhola do que portuguesa, que é a verdade, pois a origem da forma lusa é castelhana. Ainda hoje no interior do nordeste todo mundo sabe por patifaria, enredo, etc, a palavra maranha.

Maranha, subst. esperteza, velhacaria' (Horácio de Almeida, Dicionário Popular Paraibano, 1979, João Pessoa, Editora Universitária).

Não é só no Nordeste. Em todo o Brasil.

Maranha, s. f., fibras ou fios enredados. Teia de lã antes de apisoada; astúcia, esperteza. Negócio intrincado, ação de furta-se ao trabalho; malandragem, fantasia, mentira' (Dicionário Melhoramentos da Língua Portuguesa, 1977, São Paulo).

O espanhol é riquíssimo em derivados de maraña. Marañal, marañento, marañero, marañuela, marañoso, marañon, etc (brezo, motorral, embrollo, intriga, confusión, lio, chanchullo, trapsonda, etc), David Ortega Caverro, 'Dicionário Potugues - Español, Español - Portugues', Editorial Ramón Sapena, Barcelona, 1975".

Ciro Bayo, entre outros autores que escreveram sobre as proezas de Lope de Aguirre e seus comandados, intitulou sua obra "Los Marañones". E até hoje a parte peruana do rio Amazonas chama-se Marañon. A nível de Brasil, é possível que tenha havido enganos nos documentos do século XVII, que vez que outra confundiram os rios Amazonas e Maranhão.

Com a veemência e a segurança de sempre, arremata Sílvio Júlio:

"Quem hoje, depois de análises metódicas dos lingüistas máximos do mundo civilizado, não vai datando as pesquisas sucessivas de várias formas de uma palavra, e ao mesmo tempo os seus significados, quer no espaço, quer na sua evolução, não

há dúvida que fica proibido de meter-se em assuntos etimológicos; deve recolher-se à baía para deglutir o pasto comum a seus colegas asininos”.

Tem o mestre toda razão.

DE FIXO, HIRTO E ICO

Em janeiro de 1981, jantando em casa de Rachel Sisson em Corrêas, tive uma pequena discussão com certa amiga, pelo simples fato de haver ela declarado que português e espanhol eram dois tipos completamente distintos e que Portugal e Espanha nada tinham a ver um com o outro.

A afirmação graciosa e superficial, perfeitamente consentânea com a mentalidade do turista comum e corrente, não deixou, entretanto, de me causar espécie, partindo de onde partiu. Tratando-se de uma mulher culta e inteligente, conhecedora há vários anos da realidade européia, não poderia jamais, a amiga, arriscar tamanha barbaridade, irresistível à crítica mais comezinha.

Quem quer que abra o mapa da Europa, vai verificar que entre outras penínsulas existe ali uma chamada ibérica. Olhando melhor, descobrirá que compõe esta península dois países, de há muito denominados Espanha e Portugal. Se ainda tiver paciência o observador, notará, que Portugal está como que aconchegado à Espanha e que os rios portugueses são antes de tudo espanhóis.

Portugal é uma nação nova, nascida no século XII num ângulo da Galiza, conforme Alexandre Herculano.

Saindo desta área eminentemente geográfica, a História vai contar que o antigo Condado Portucalense é filho de Castela; que a nacionalidade portuguesa remonta aos fins do século XII e a

espanhola a 1492 com a reunião das coroas de Castela, Leão e Aragão; que até o século XV a língua falada nos dois lados da fronteira era praticamente a mesma; que o direito e a religião sempre foram comuns a ambos, nos seus aspectos estruturais e formais; e que todos esses elementos foram transmitidos à iberoamérica.

È lógico que diferenças há entre portugueses e espanhóis, como há entre brasileiros e argentinos, colombianos e mexicanos. Afinal há determinados ingredientes culturais que entram mais fortemente na composição de certos povos que na de outros; mas, não há de ser pelas variantes, pelas dissonâncias e pelas exceções que se medirá a maior ou menor distância entre eles. Há que prevalecer o critério da apreciação dos traços dominantes, das vigas mestras, das linhas estruturais. E, por esse caminho qualquer investigador, por menos preparado que seja, concluirá que Portugal e Espanha formam o todo ibérico que se projetou nas Américas através primordialmente de suas bases comuns - a língua luso- espanhola, a religião católica e o direito de origem romana.

Ensina Sílvio Júlio, com a erudição de sempre, que a primeira gramática espanhola cujo autor é Nebrija, apareceu em 1492, ano da reunião das coroas e do descobrimento da América. Nebrija é também o responsável pelo "Dicionário Latim-Castelhano" de 1493, onde aparecem pela primeira vez duas palavras americanas - cacique e canoa. Já a primeira gramática portuguesa de Fernão de Oliveira, é de 1536 e, na parte técnica é cópia da de Nebrija.

Entretanto, muito antes desses apontamentos de aproximações lingüísticas, outros se imporiam, recuando a épocas muito anteriores a portugueses e espanhóis e que poriam à prova a vitalidade de certos termos que, vindos do latim clássico vararam as idades, passaram por evoluções morfológicas, sintáticas e semânticas e se apresentam ainda hoje no vocabulário corrente das terras onde se falam o português e o espanhol.

Tomo apenas um deles como exemplo para definitivamente calar os que por ignorância, precipitação ou má fé ousarem afirmar que Portugal e Espanha são compartimentos estanques, que lusos e castelhanos são povos antípodas.

O “Dicionário Latim-Português” de Santos Saraiva registra o verbo *figere* (figo, is, xi, xum) nas seguintes acepções: 1º - pregar, fincar, cravar, fixar, espetar, afundar, plantar; 2º - furar, varar, atravessar, ferir, matar; 3º - pregar com prego, prender, segurar, pendurar, suspender.

O mesmo dicionário destaca num verbete a forma verbal “*fixus, a, um*” significando: fincado, espetado, fixado, fixo, pregado, imóvel, parado. Está em Virgílio: *Solo fixi oculi*, que significa: olhos pregados no chão; *Oculos in virgini fixus*, valendo: tendo os olhos fixos na heroína; *Astra fixa*, que se traduz por estrelas fixas; em Cícero: *Id non ita fixum esse debere*, que equivale a : isso não deveria ser de tal modo fixado.

À pág. 222 do “*Fuero Juzgo*”, Madrid, 1815 está a palavra *fincar*, valendo: quedar, ficar. Trata-se de vocábulo pertencente ao latim vulgar do século I, mil e duzentos anos anterior ao aparecimento do castelhano. Alonso Zamora Vicente na “*Dialectologia Española*” revela que em alto aragonês e em diversas partes do território do dialeto existe a palavra *fincar*, no mesmo sentido de *fincar* e *fixar*.

Sílvio Júlio em nota enviada especialmente para este ensaio, ensina:

“Mais ou menos desde o séc. X até o XII na Península Ibérica vão formando-se ramificações lingüísticas, cujo eixo principal é o a que chamamos hoje latim vulgar, derivações geohumanas do velho, bom e rico latim romano, elevado à categoria de latim clássico pela qualidade dos grandes autores, César, Cícero, Virgílio, Ovídio, Horácio, etc. Havia porém mais semelhanças vocabulares que sintáticas no fundo de tal parentesco. Era difícil determinar o território e a gramática de cada pré-dialeto que mal brotava ali. Regionalmente parecia que coisas havia que o latim dos soldados de Roma pouco polido tomava formas

especiais de acordo com as condições sociais dos grupos mais ou menos cultos. Seus nomes foram diferentes dos que depois tiveram. Durante certo tempo, leonês, asturiano, galeciano, antecederam os atuais castelhano, galego, português, espanhol. Mesmo após o século XII, esses nomes em casos concretos foram diferentes.

O português, por exemplo, foi galeciano mais ou menos às proximidades do século XIV, já realizada a nacionalidade política de Portugal. O processo de modificação demorou. Os posteriores cancioneiros só tarde passaram a ser galaíco-portugueses, pois quase todos os seus trovadores não nasceram em Portugal e a partir do século XII pertencem à Galícia, agindo em Santiago de Compostela, Espanha. Ocultá-lo é estupidez patriotinheira. Ora, na metade do século XII, circulava em cópias o “Cantar de Mio Cid”, monumento literário do castelhano, quando nada havia escrito, artístico, em galego e português, cuja poesia só aparece nos fins do século XII, começos do XIII. Inegável. Fica, ficar usava-se em castelhano nesse dealbar literário, por queda, quedar. Fica, fixar, estabilizar, morar, residir, de onde finca, permanência, lugar legalizado para moradia.

Hoje as forças da evolução intrínseca a cada ocasionalidade histórica, mudaram tudo. Ficar em espanhol é quedar e, em galego-português, é usual o ficar e excepcional quedar. No castelhano, finca é propriedade territorial, lugar possuído para moradia, já no campo, já na cidade. Um tipo característico de residência onde se vive”.

No século XVI, quando estavam formados o português e o espanhol, quando ambos já possuíam vasta literatura, expandiram-se as duas línguas pelas Américas na época áurea da colonização.

Aqui como lá a enorme família do bimilenar verbo *figere*, com suas variantes e cambiantes, já morfológicas, já semânticas ramificou-se da Califórnia à Patagônia, do Cabo Branco às Ilhas Galápagos. Em qualquer caso ou circunstância, sempre a idéia do estático, do inarredável, do inamovível, do que cria raízes, do que fica perplexo, parado, fulminado, pregado, rígido, imóvel.

Nas várias terras onde se fala o espanhol o verbo *fixar* vale fixar, pregar, cravar, segurar um corpo noutra, pegar com cola, grude, etc; afirmar, tornar fixa e estável uma coisa; firmar, assentar definitivamente, meter; determinar, prescrever com precisão; decidir, devisar, arraizar, definir, aprazar, designar, imprimir, afixar, assinalar, atermar, espetar, não esquecer, estabelecer-se, agarrar-se, sentar-se, apoiar-se, tornar-se estável, tudo conforme, o “Dicionário Espanhol-Português” de David Ortega Caverro.

Da mesma maneira, em qualquer latitude onde se fale a língua de Camões, *fixar* é fazer fixo, cravar, determinar, tornar estável, firme, reter na memória, de acordo com o “Dicionário da Língua Portuguesa” de Cândido de Figueiredo.

Como se vê o verbo é o mesmo em português e espanhol, havendo diferença tão somente na grafia, onde apenas uma letra é que muda e, na pronúncia.

Assim como o verbo, sua enorme família é eminentemente ibérica na forma e no conteúdo.

O verbo *ficar*, por exemplo, pertence a ela e durante vários séculos foi grafado da mesma maneira em português e em castelhano, jamais variando o seu sentido. A partir do século XVI, através de um processo naturalíssimo o espanhol passou a grafar *hicar*, mantendo o português a forma *ficar*. Daí *ahinco* na língua de Cervantes e *afinco* na de Guerra Junqueiro, ou *hicado* e *ficado*, respectivamente.

Já *fincar* é comum aos dois idiomas tal qual se escreve. Daí *finca* que, entre outros sentidos, é sinônimo de propriedade imóvel, de lugar para residência no campo ou na cidade, sítio, chácara, espaço físico-geográfico onde alguém lança raízes, finca o pé (*pied à terre francês*), lança os alicerces de sua referência terráquea.

Na América Espanhola, do México à Patagônia, para falarmos da atualidade, finca é quase especificamente uma pequena propriedade rural, já agrícola, já pastoril. Na Colômbia, o termo é comum e corrente e eu o ouvi de várias bocas, em 1975, especialmente no Departamento de Huila.

Na área gauchesca do Brasil, registra-se a palavra com o mesmo significado e grafada como grafam peruanos, chilenos e argentinos - *finca*.

Agora, para surpresa geral, mais um dado a esse respeito se faz notar em território mineiro, mais precisamente na zona do vale do Rio Doce.

Lendo o excelente trabalho de Carlos Olavo da Cunha Pereira, sob o título “*Nas terras do rio sem dono*”, encontrei a pág. 4, o seguinte:

“*Ao encontrá-lo, faz uma ‘aberta’.* ‘*Finca*’ - o termo apropriado para o seu tipo de moradia é *fincar* mesmo - sua barraca”.

O que o autor pretende explicar é que o retirante nordestino, em outras épocas, em viagem para o sul, desembarcava na região do Rio Doce, na altura quase desabitada e aí, fazia sua aberta, isto é fazia uma clareira para nela fincar suas raízes, lançar as bases de sua morada, de sua pequena propriedade rural.

Cândido de Figueiredo registra a palavra *finca* em seu Dicionário, ensinando que ela significa escora e que vem de fincar - cravar, estribar, apoiar, enraizar. Daí *finco* que é contrato por escritura, algo portanto que se prende à negócios de terras, a negócios que se afirmam, que se tornam seguros, definitivos, irrevogáveis e irretatáveis.

Resta dizer alguma coisa sobre *hirto*, *fixo* e *ico*, formas incontestavelmente pertencentes ao mesmo clã de *figere*, ainda que a última seja um caso típico de bastardida.

Os modernos dicionários espanhóis não inserem em seus textos a palavra *hirto*, mas, os portugueses a registram e o termo vale na língua de Quevedo como na de Eça de Queiroz, teso, rígido, duro.

No município fluminense de Campos dos Goitacazes e somente lá, pois jamais ouvi algo semelhante em qualquer outra região brasileira, usa-se correntemente o termo *ICO*, quando se pretende dizer que alguém ficou parado, imóvel, impassível, ou quando algo está duro, rígido, impenetrável. Alguém que não teve

reação diante de certo estímulo, ficou *ICO*. Um bolo solado está *ICO*. Um bife difícil de ser mastigado está *ICO*.

Portanto *ICO* tanto pode ser usado no sentido de *fixo*, como no de *hirto*, sendo portanto corruptela de uma e/ou de outra palavra.

Nessa corrupção trabalhou o povo tão mesclado na região campista desde os primórdios da ocupação daquele território. Boçais e ladinos ali chegados em enormes quantidades para sustentar com sua mão de obra a agroindústria açucareira, podem ter tido significativa participação nesse processo de corrupção dos termos originais portugueses, mantendo-se íntegros os significados.

Todas essas considerações não encerram a discussão nem sobre as semelhanças e diferenças entre portugueses e espanhóis, nem sobre a origem da palavra *ICO*. Os temas estão em aberto pedindo debate, contribuição, achega, crítica.

Mas uma verdade parece emergir de tudo quanto aqui foi dito: portugueses e espanhóis podem ser diferentes no atacado mas semelhantes no varejo.

Em 29 de janeiro de 1983.

ÍNDICE

AMERICANISMO/AMERIGENISMO	5
GRINGO	9
MARAN ANHA I	17
DE FIXO, HIRTO E ICO	23

Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Física
Laboratório de Física Experimental
Av. Itália Km 8, Foz de Aduar, Rio Grande, RS
91201-900

Digitação e Revisão:

Vanessa Queiroz de Oliveira

Impressão:

ParkGraf Editora Ltda.
Rua General Rondon, 1500 - Petrópolis-RJ
Telefone: (24) 2249-2500

